

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

6 SETEMBRO-1950

Director: Guilherme P. da Rosa  
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas  
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 999

## A ANTIGA E RELIGIOSA ETIQUETA DE WESTMINSTER

O Parlamento britânico foi para férias. Certos jornais, manifestam o seu pesar, porque lhes parece que nas presentes circunstâncias devia ter continuado os seus trabalhos. Os deputados, por seu turno, soltaram um longo suspiro de alívio e, sem se importarem com os comentários azedados dos que lhes censuram as suas demoradas «férias pagas», partiram para gozar, pelo menos assim o esperamos, um repouso bem merecido. Certamente têm necessidade de descansar. Desde as últimas eleições gerais não conheceram, por assim dizer, horas de ócio. Fossem da oposição ou do governo, eram obrigados a assistir permanentemente, excepto durante o «weeke-end», às sessões da Câmara dos Comuns. Não es-

tamos no tempo dos Stuarts em que um deputado, que não comparecesse e não fornecesse desculpa justificativa, era condenado a pagar 40 libras e ficava preso na Torre de Londres até que a quantia, enorme para a época, fosse paga. No entanto, actualmente as «escapadelas» também não são toleradas.

O governo dispõe de uma maioria tão fraca e a oposição está tão encarniçada a apinhá-lo em falta que os «whips» de todos os partidos impõem a todos os seus simpatizantes uma disciplina de extremo rigor. Todos devem comparecer para o caso em que um escrutinio importante se realizasse e, durante a época que

(Continua na pág. 6)

## UM ESTADISTA QUE É UM GRANDE AMIGO DE CAVALOS!

A nossa gravura apresenta-vos Churchill acariciando um seu cavalo favorito, que recentemente conquistou um brilhante triunfo, nas corridas efectuadas em Londres.

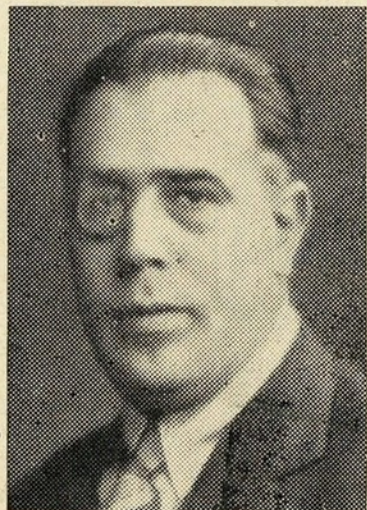
## FIGURAS DE TEATRO



Erico Braga



Aura Abranches



Robles Monteiro





# PROCURAVA

O grande Jando tinha uma cabeleira ruiwa como vinha sulfatada há pouco. E gostava de repetir aos seus amigos: «Tenho um pequeno complexo». Não conhecia a significação exacta desta palavra, mas nem por isso deixava de a empregar várias vezes ao dia. Tinha feito 26 anos e o pai começava a preocupar-se com o seu celibato. O pai, homem muito taciturno, saiu um dia do seu silêncio para declarar gravemente:

— É preciso procurar-te mulher, meu rapaz. A vida encurta-se de semana para semana... Há que tomar uma decisão!

Jando retirou-se para a oficina, a acabar uma pequena caravela.

Tinha grande habilidade manual e os rapazes do bairro pediam-lhe muita vez para concertar bicicletas ou brinquedos.

Esta caravela maravilha-o. Era digna de figurar em qualquer montra. Foi colocá-la na casa de jantar e chamou a atenção do pai:

— Olha para isto!...

O pai abanou tristemente a cabeça. — Não é tudo, meu rapaz. Um homem da tua idade precisa de casar... E dois homens só numa casa, é bem triste...

A senhora Jando morrera há anos, de doença súbita. Num dia de grande calor bebera, de um folego, uma garrafa de cerveja bem gelada.

Jando filho, muito tímido para aprender a dançar e muito selvagem para sair com os camaradas, debruçou-se sobre um jornal cheio de anúncios deste género: «Madame Pérille — casamentos legais e rápidos».

Jando reflectiu muito tempo. Decidiu-se e foi a casa de madame Pérille. Era uma criatura opulenta, de mãos finas que exhibia sobre a blusa — como se fosse montra de noivas. Desculpou-se:

— A minha criada não está...

Introduziu-o num salão confortável. E sorriu:

— Então... quer-se casar. Tem razão, é ainda uma das grandes alegrias da vida. É preciso, todavia, saber escolher... e a experiência de uma pessoa vivida pode ser de grande auxílio...

Levantou-se com dignidade e foi buscar um catálogo em forma de album, que apresentou ao visitante.

Jando baixou timidamente os olhos para as fotografias. Havia raparigas a sorrir, outras a sério; umas sentadas, outras deitadas num divã, com ar de lassidão. Uma, até, respirava o aroma de qualquer flor. Jando fechou o album, reflectiu e disse:

— Tenho um pequeno complexo... Foi por isso que vim.

A dama apressou-se a tranquilizá-lo:

— Meu filho, os complexos curam-se, hoje, com os progressos da ciência. E depois, quando se casar, não terá tempo de pensar nisso. Vou encontrar exactamente o que lhe convém... Uma rapariga amável, agradável...

— E julga que com o meu cabelo...

A gorda riu-se:

— Tem um lindo cabelo. Quantos calvos não dariam tudo por uma cabeleira assim! Volte quarta-feira, à noite. Apresentar-lhe-ei vários modelos. Venha bem vestido. E confiança, meu rapaz, muita confiança...

Quando Jando voltou para casa, o pai perguntou-lhe logo:

— Então, consegues alguma coisa?...

— Vou ser apresentado... E quanto ao complexo, ela disse que não tem importância...

Jando deixou de trabalhar nas caravelas. A ideia de ser apresentado a uma rapariga causava-lhe sobressaltos.

No dia marcado, apresentou-se em casa de madame Pérille, com o coração a bater desordenadamente. Ouviu música mal

abriram a porta. Madame Pérille dava à manivela de um «pick-up». Uma criada jovem servia refrescos. Rapazes e raparigas conversavam, em voz baixa, sentados em maples.

O dona da casa foi ao encontro do pretendente e disse-lhe ao ouvido:

— Confiança, meu filho... Ela está ali...

Jando olhava para todos os lados — mas nenhuma parecia dar-lhe atenção. Num canto, enfim, descobriu uma rapariga de olhar sonhador, sentada e sózinha.

Madame Pérille fez as apresentações. A jovem levantou-se. Era pequenina e tinha uma voz amável a cumprimentar.

Jando sentou-se ao lado dela — e não sabia o que dizer. Madame Pérille voltou ao «pick-up». A criada aproximou-se de Jando, com o prato. Jando recusou. A jovem olhava-o, sorrindo. Parecia rir-se dele. Jando perguntou:

— Está aqui há muito tempo?

— Cheguei agora...

Jando calou-se. Não sabia que dizer.

A jovem, então, disse:

— Há uma varanda cheia de flores. Já a viu?...

Agarrou-lhe a mão e levou-o para a varanda. De súbito, abraçou-o. Jando não sabia que fazer.

— Ama-me?...

Jando murmurou, sufocado:

— Temos de voltar ao salão... Podem procurar-nos... É da cidade?

— Sim, fui criado por uma tia. Não tenho pais...

— Eu tenho pai. Hei-de apresentá-la.

— Apresente-me — disse ela, maravilhada.

— Então, filhos, são horas de partir, disse graciosamente madame Pérille.

Foram até ao parque, um grande jardim no centro da cidade.

— Chamo-me Lena, disse a jovem. Minha tia disse-me que minha mãe encontrou este nome num romance de amor. Agrada-lhe?

— Oh! Sim, disse Jando, como que tolhido pela surpresa, a alegria e algum medo.

— Como se chama, meu querido?

— Maurice, disse Jando envergonhado.

— Chamar-lhe-ei Maurice... E agora, vamos ver seu pai, para regularizar a nossa situação. Minha tia concordará.

E agarrou-se ao braço de Jando com uma graciosa autoridade.

Quando chegaram a casa de Jando — situada numa rua tranquila, onde só se ouvia o bater de alguma tapete — o pai enrolava o cigarro à porta da oficina.

Desde que morrera a mulher, o viúvo entregava-se a longas meditações — e o seu rosto parecia moldado por um desgosto sem fim. Ao ver o filho com a rapariguinha pelo braço levantou-se, atarantado, e balbuciou:

— Bom dia, menina...

Encarou o filho, à espera de uma explicação. Entraram para a sala de jantar. O rapaz foi buscar uma garrafa e três copos.

— É bom, é picante! — exclamou a rapariga ao esvaziar o copo.

Houve um longo silêncio. Por fim, o filho murmurou:

— Queremos casar, papá!

O pai não respondeu, logo. Mas o seu espanto parecia aumentar. Apenas Jando pronunciara aquelas palavras, a rapariga deixou-se literalmente cair sobre o seu ombro e acariciou-lhe os cabelos.

— Como eu o amo, meu querido — dizia ela.

Então, o jovem Jando sentiu que se libertava do seu complexo. Abraçou a rapariga e esmagou-lhe os lábios com um beijo sequioso.

O pai, surpreendido por aquele espectáculo, voltara-se para a janela. Sem ver os jovens, murmurou:

— Preciso falar-te, rapaz. Vem cá!

Jando desenlaçou o abraço e aproximou-se da janela.

— Queres casar com ela?

— Sim, papá.

— Agrada-te...

— É um tanto pequena, mas tudo se arranjará...

— Não é isso, filho. Tu não reparaste que ela nem tem ancas... Não poderá ter filhos.

O rapaz voltou-se, preocupado. A jovem sentada, não erguia a cabeça. O sorriso parecia ter sido traçado com tinta indelével. Tinha as mãos cruzadas sobre o joelho. A garota era muito graciosa e o seu silêncio fazia lembrar sofrimentos secretos e sonhos impossíveis.

— Vejamos — disse o pai Jando com constrangimento — sabe cozinhar, costurar... Tem boa saúde...

A jovem desatou a soluçar:

— Fazem-me passar por um exame... Querem vexar-me...

Jando, perturbado, aproximou-se dela, sem saber como animá-la. Mas ela levantou-se vivamente, saltou para a porta e voltou-se, com expressão triste e severa:

— São maus...

E desapareceu, como uma sombra.

— Maguei-a, exclamou o pai, deixando cair as pesadas mãos sobre os joelhos. Mas esta pequena não te convém.

— Com ela, papá, já não sentia o meu complexo... Gostava do meu cabelo...

— Espera, disse o pai, vamos ambos visitar essa tal madame Pérille e explicar-lhe o que precisas. Não sabes escolher sózinho, filho. Aceitas tudo o que te dão.

O pai fechou cuidadosamente as portas todas, e marcharam para o outro lado da cidade. O filho calava-se. Estava perplexo. Pensava na rapariga — e lamentava-a um pouco. Mas estava cheio de curiosidade, à ideia de que o iam apresentar a outras. Sentia-se corajoso.

Quando chegaram a casa de madame Pérille, não havia mais ninguém. A criada limpava o salão. Madame Pérille entrou, apressada e alegre.

— Queiram sentar-se.

O pai Jando sentiu-se perturbado. Não achava palavras para se explicar.

— Então...

— O meu filho, disse enfim o visitante, não está satisfeito com o que lhe arranjou...

— É que... começou o filho. Madame Pérille ergueu os braços ao céu:

— Como? Ela não lhe convém? Mas é a pérola das minhas clientes, meu caro senhor... Uma rapariga tão séria, tão graciosa... É um capital de honestidade.

— Refiro-me ao tamanho, interrompeu gravemente o pai Jando. É demasiadamente pequena e já tivemos na família uma experiência desgraçada. A mulher de um dos nossos primos nunca pôde ter filhos. Era muito pequenina...

Comprende: o meu filho gosta muito de crianças... Eu também... É preciso encontrar outra coisa, madame...

Madame ficou perplexa. Depois exclamou alegremente:

— Devia ter dito...

Foi buscar o album. O pai Jando começou a folheá-lo lentamente.

— Filho, o que pensas desta?

E indicava uma jovem, cujos cabelos louros desciam até meio corpo.

— Parece-me pálida...

— Ah! não, disse madame Pérille com

decisão, escolham, mas não critiquem. Não viram essas pequenas.

Não é dinheiro que procuram, mas graça. E para a graça, tenho uma escolha sem concorrência...

O pai parecia inquieto e perturbado.

Fechou nervosamente o catálogo, murmurando:

— Casa-se uma vez — e para muito tempo... É preciso reflectir. Nada de precipitar estas coisas.

Levantou-se e disse:

— Voltaremos, madame... Trate de encontrar qualquer coisa...

— Para ambos? — perguntou ela em voz baixa. O pai fingiu que não ouvira e encaminhou-se para a porta.

— Até breve, madame...

Na rua, disse para o filho:

— Volta para casa e espera por mim. Tenho que tratar de um assunto...

Ficou parado no passeio, a reflectir longamente. Quando o filho voltou à esquina, subiu apressadamente e bateu à porta de madame Pérille. Sem olhar para a criada, entrou por ali dentro como se fosse um polícia.

E madame Pérille, que acabava de frisar os cabelos tingidos, deu um gritinho de surpresa quando sentiu aquele homem junto de si. Mas Jando, desta vez, sentou-se sem cerimónia e disse de golpe:

— Tem qualquer coisa para mim... Não suporto mais a solidão. E a minha pobre mulher, lá onde está, há-de compreender-me.

Madame Pérille foi buscar o album.

— Obrigado, disse o homem, detendo-a com o gesto. Por fim, erguendo os olhos:

— Preciso de uma pessoa séria, bela e ainda nova. No seu género, madame... E um pouco gorda. Não suporto a solidão.

Madame Pérille escutava o seu cliente consternada.

— Encontrarei... encontrarei...

— Dinheiro, tenho, disse o pai Jando.

Não é isso que procuro. Quero é acabar com a solidão e o silêncio que me cercam. Preciso de falar, mesmo que não me respondam sempre. Preciso de saber que alguém me escuta... Uma mulher amável, mesmo que não seja faladora...

— Oh! exclamou madame Pérille, o senhor não é apenas marceneiro, como seu filho me dizia. O senhor faz marcenaria de arte. Vai tomar um licôr...

— Com prazer, madame. Jando sentiu qualquer coisa no coração. Aquela mulher tinha uma bela presença e um peito cheio de nobreza, pensava ele. Dava ares de rainha naquele grande salão.

Beberam.

— Há muitas viúvas, dizia madame Pérille. A guerra, os acidentes de avião, as intoxicações...

— Madame, disse gravemente o homem, vive só...

Madame Pérille, atingida por esta pergunta imprevista, curvou a cabeça.

Jando continuou:

— E agrada-me... Uma mulher no seu género, é um capital para um homem...

Madame Pérille arregalou uns olhos assombrados.

O visitante continuou:

— Um capital de encanto, de distracção e... e... de honestidade.

Madame Pérille ouvia, sonhadora.

Jando levantou-se e pôs a mão sobre o braço roliço da sua interlocutora:

— Voltarei a vê-la em breve...

(Continua na pág. 7)

■ O H O M E M Q U E

■ U M A M U L H E R



# HISTÓRIA de Setembro

Por ADELAIDE FELIX

**Q**UANDO o homem se introduziu nos aposentos da artista de variedades, que os cartazes designam por Joan Rhodes, esta encontrava-se a trabalhar no palco dum teatro de Eastbourne. Vagaroso e astuto, não fosse surpreendê-lo alguns dos outros inquilinos do prédio, o larápio retirou do seu poiso uma grande maia-armário e foi-lhe metendo dentro os vestidos da rapariga. Nem um desprezou. As «toilettes» de rua, os «deshabillés», as longas saias de farfahante cauda e os trajes vistosos com que ela começava a fazer as suas «escapades» a Margate, tudo lá se foi acamando a maravilha. Depois abriu gavetas e passou à roupa interior; escolheu sabiamente o que havia de melhor. Decerto, lançaria um olhar guloso ao quarto confortável, ao leito já preparado para receber sua dona; e cautelosamente, como entrara, lá saiu e se perdeu no escuro da noite velha.

Horas mais tarde, ouviram-se no corredor que servia o apartamento de miss Rhodes os seus passos decididos, embora leves. Trazia porventura abafada entre os lábios uma canção em voga — que Joan não é apenas a rapariga mais forte da Grã-Bretanha, é também uma das mais alegres e mais conformes ao quinhão de trabalho que Deus lhe deu.

De resto, a noite tinha-lhe corrido mancadamente bem. As suas «pérfumances» haviam sido executadas com brilhante facilidade e o seu publico numeroso e fiel não se cansara de a aplaudir. Entre os números apresentados um provocara verdadeiro delírio — esse que consistia em vergar uma barra de ferro com os seus dentes lindíssimos.

E Joan comprazia-se em recordar outros «prodígios» em que se especializara e não conhecia rival. De facto, mulher alguma dos quatro cantos da terra poderia competir com ela em quebrar com os dedos plegos de dezoito centímetros, rasgar ao meio, qual folha de papel de seda, uma compacta lista telefónica e fazer, com o simples apoio duma corda, os mais difíceis exercícios musculares...

Ao atravessar o seu quarto, porém, estacou de repente. Iria jurar que qualquer coisa de estranho se passara ali. Quem viesara a tapete novo que estava aos pés do leito? A caixa dos sapatos, em cima do «psiché»... quem desarrumara tudo aquilo?... Mas não podia ir pôr em ordem as suas coisas assim vestida de «ra-ile», com uma saia drapé, e aqueles tacões de dez centímetros. Ia calçar umas chinelas, enfiar um robe... Abriu a porta do guarda-fato... E então houve só um grito — um grito rouco, que acordou num salto os seus vizinhos do apartamento, que vieram por aí fora, e entraram de roldão.

Num instante, tudo lhe pareceu esclarecido: enquanto ela ganhava lá longe o seu pão e o seu tecto, um meliante conseguira deslizar escada acima e introduzir-se no «flat» que ela habitava. E sem se comover com a imaginação da sua beleza que lembra certa claridade do rosto dos anjos; sem se deixar seduzir e perturbar pelo agasalho do aposento onde ela ensaia suas atitudes de manequim disputado pelos melhores costureiros de Londres; sem um calafrio de pavor ao recordar a extraordinária força muscular que ninguém suspeitaria naqueles vinte e seis anos elegantes e donairosos — o tratante tudo arrebatara nas mãos rapaces, sem deixar sequer um par das «Nylons» que comprara, porventura, na véspera!...

Ao ver-se roubada, privada assim, estupidamente, além do seu guarda-roupa de mulher, dos seus trajes de cena — como quem diz, da ferramenta do seu ofício — Joan não tem uma lágrima, nem um queixume de vencida. Frente ao armário vazio, às gavetas desguarnecidas, às caixas onde guardava os seus melhores sapatos, miss Rhodes encontra apenas, para testemunhar o seu estado de espírito, algumas frases de... «promessa»:

— Deixem-me pôr as mãos nesse malandrim... e o caso fica por minha conta. Hei-de quebrar-lhe os ossos do corpo... Há-de ir pela rua abaixo adiante de mim... Ele há-de saber o que é uma barra de ferro...

«...Para alguma coisa me há-de servir, também, o ser uma jogadora de «jijitsu»...

Saberia, afinal, «a quem» roubava o gatuno que entrou nos aposentos de Joan Rhodes? Parece-nos lícito dizer que «não».

## O HABITO, PRECIOSO AUXILIAR DOS EDUCADORES

Por SIBINE PETERSEN

**O** hábito, que é uma segunda natureza, liberta o ser humano de uma infinidade de pequenas servidões materiais.

O primeiro cuidado do educador escrupuloso deve ser agir de maneira a dotar a criança, à medida que vai passando de um estado desordenado para outro coordenado, de uma gama dúctil e variada de automatismos que lhe permitam fazer quase maquinalmente certos actos habituais.

O homem vive dominado pelos hábitos que contrai na infância. É «bem educado» na medida em que se mostra naturalmente, e sem esforço, correcto, trabalhador, respeitador dos princípios de uma sã moral, ou «mal educado», se é escravo de disposições desagradáveis que não foram corrigidas, incuravelmente grosseiro, egoísta, preguiçoso...

Ao entrar na vida, isento de hábitos, a criança dá aos pais a inestimável facilidade de modelar a seu bel-prazer uma cera essencialmente maleável, de impregná-la de boas tendências, com o zelo, o carinho que o artista põe em esculpir no barro uma obra perfeitamente harmoniosa.

Sem dúvida, o recém-nascido contém, em potência, aptidões, hereditariedades susceptíveis de facilitar ou de complicar a sua missão, mas estas apenas se manifestam gradualmente e a partir do momento em que a personalidade começa a afirmar-se, o que deixa aos educadores o tempo de estudá-las, a fim de orientá-las no sentido mais favorável. Apoiando-se na irresistível força do hábito, os pais podem iniciar progressivamente os seus filhinhos na «técnica da existência» mercê da qual inumeráveis afazeres quotidianos se efectuam sem exigir esforços de aplicação.

A aplicação, a minuciosa regularização do automatismo físico exigem uma vigilância, um tacto a toda a prova. É preciso apoiar os esforços do bebé que pretende levar com as suas próprias mãozinhas à boca a colher de sopa, sem se zangar quando a retorna na toalha. É preciso esperar, sem perder a paciência, que o pequenino acabe de abotoar o seu casaco, de atacar os sapatos, sem lhe ralhar a pretexto de que é vagaroso e desajeitado. São muitos os adultos que se esquecem, dando provas de exigência desmedida, de que não adquiriram sem dificuldade, de um dia para outro, a habilidade de que se gabam, para condenarem os reveses dos seus filhos...

O hábito, quando transformado num fiel colaborador, encarrega-se de fazer dos deveres que a inexperiência torna desagradáveis ou rebarbativos se não agradáveis distrações, pelo menos gestos puramente mecânicos, que não acarretam qualquer desperdício supérfluo de energia consciente.

É tão bom podermos lavar-nos, vestir-nos, comer, deixando, ao mesmo tempo, o pensamento vaguear por esferas menos acanhadas! O hábito, ao libertar-nos de mil e um entraves puramente materiais dá-nos a possibilidade de acedermos a ideais mais elevados.

O pequeno músico apenas saboreia real-

mentes alegrias do instrumento que toca, partir do momento em que deixa de sofrer com dificuldade cada nota e a letra apenas encanta a criança quando ela suficientemente familiarizada com as letras, para não ter que soletrar as sílabas sem conseguir acompanhar o sentido do texto.

Ma também há um automatismo moral independente da vontade. Porque é que o bom senso popular confia naquele que nunca pecou por falta de honestidade e proclama, através do provérbio «Cesteiro que faz um cesto faz um cento», o seu ceptismo para com a conversação dos vícios? A tirania do hábito acaba por substituir a consciência e torna-se difícil, se não impossível, escapar-lhe.

A criança adquire os hábitos que lhe dão. O rapazinho que é bem educado desde tenra infância nunca se dirigirá a um adulto sem tirar o boné e não hesitará em oferecer o seu lugar às senhoras. A pequenita que a mãe acostuma a amar o vestuário, os brinquedos conservará o gosto pelo arranjo e será muito provavelmente uma cuidadosa dona de casa.

O hábito nasce do primeiro acto. Da satisfação que proporciona, da recondução que deixa, depende um longo encadeamento de sequências boas ou más. O cigarrifumado às escondidas, o cálice de licorebido por espírito de imitação podem ser decisivos para o futuro, a saúde, a vida de um homem. Não será bastante que mãe, enternecida ou enfasiada com os gros furiosos do seu menino, se aproxime do berço, para tentar acalmá-lo, embalar-o, para que o pequenino despota não me a consentir, pelos meses fora, a adormecer sem ter ao seu lado a querida presença? Uma fraqueza passageira paga, às vezes, muito cara!

\*

O c. A. Bergé convida os seus leitores a formarem os automatismos morais levando a criança a utilizar espontaneamente os seus recursos pelo melhor dos interesses que a sua razão ainda não está habitada a compreender. Escreve:

«Quando certo número de movimentos e de posições é adquirido pela criança, só se fixa-os nele, sólidamente; noutros casos, fazê-los passar a um estado de hábitos maquinais, registá-los. A bem dizer esta segunda operação caminha a par passo com a primeira e ao indicar a criança da sua dependência, do ponto de vista intelectual, de maneira nenhuma pretendemos impor-lhes uma ordem de sucessão na vida prática. Verificamos, apenas, que há dois métodos distintos; o registo dos automatismos mais não depende com efeito, de que uma repetição dos actos, dos actos, dos impulsos, tão frequente e sobretudo tão pouco consciente quanto possível. Esta última condição exclui de maneira definitiva todos os processos barulhentos e agitados, como sejam os actos constantes, discursos, discussões e vivências».

Não se devem permitir às crianças actos criadores de hábitos sem prever as suas consequências eventuais.



Joana Stevenson, de San Marino, apresenta este gracioso conjunto inspirado no traço do camponês do centro da França. Saia plissada, blusinha justa e coletinho solto de manga a três quartos, enfeitado com uma larga gola dupla.



# A ANTIGA E RELIGIOSA ETIQUETA DE WESTMINSTER

terminou, viram-se deputados arrancados ao seu leito de doença e levados a Westminster para figurar, no minuto fatídico, na bicha dos «sim» ou na dos «não». Ernest Bevin voltou à pressa do local onde convalescia, durante o debate de 27 de Julho sobre a defesa, e o seu voto fez inclinar a balança a favor do governo

## Processo rígido

Quantos deputados se sentem, pois, felizes por escapar durante três meses à rigorosa etiqueta de Westminster! As regras do processo são tão numerosas e tão rígidas nos Comuns que são o terror dos recém-chegados. A todo o momento, os noviços são chamados à ordem não só pelo «speaker», como pelos seus colegas, que velam com zelo invulgar pela observância do código de conduta e que sublinham a mínima falta com os gritos de «Ordem, ordem!» Os próprios veteranos nem sempre conseguem conformar-se automaticamente com os costumes que são uma fonte constante de embaraços e de confusão, mas que ninguém desejaria modificar. Um novo eleito irlandês perguntou um dia a Parnell: «Como poderei aprender os regulamentos da Câmara?». O célebre leader respondeu-lhe: — «Violando-os!». Esse conhecia bem a situação, mas são raros os que se arriscam e os mais cautos resolvem deixar-se pilotar por colegas experimentados nesse temível labirinto.

## Uma reverência que se mantém

A primeira coisa que desperta a atenção do recém-chegado é a exiguidade da Câmara. Os Comuns contam agora 628 membros (tinham antigamente 670), mas não há lugares para todos. De facto, muitos são obrigados a ficar em pé ou a sentar-se no chão nos dias de grandes debates. Nenhum pode reter um lugar sentado por mais de um dia; e, para gozar este privilégio, tem ainda de estar presente quando o capellão reza a oração no início da sessão, sem o que se arrisca a perder o lugar, se o abandona um só instante. Os retardatários não podem pois contar senão com a sorte ou com as numerosas ausências dos seus colegas para ficarem convenientemente sentados. Um deputado

quando entra na sala tem de fazer uma reverência ao «speaker». O costume remonta ao tempo em que os Comuns se reuniam na capela de Santo Estevão, enquanto não se reconstruía o Palácio do Parlamento, destruído por um incêndio. A cadeira do «speaker» estava colocada em frente do altar e os deputados reverenciavam na realidade o santuário, mas o hábito de fazer a reverência ao «speaker» manteve-se desde aí. Claro que o deputado tem de respeitar uma espécie de ceptro colocado sobre uma mesa em frente do «speaker» enquanto dura a sessão. Deve saber quando há de pôr o chapéu — e qual — e quando tem de o tirar. Se conseguiu despertar a atenção do «speaker» e se este lhe deu a palavra, fala, não à assembleia, mas ao «speaker» ao qual se dirige nestes termos: «Senhor «speaker», sir..» e em nenhum caso designa um colega pelo nome. Diz «o muito honorável gentleman...». Se se trata de um membro do Conselho Privado do Rei, «O honorável e sabedor deputado»... se é um homem de leis.

## Faltas

É uma falta de etiqueta ler o jornal na sala dos Comuns, como também o é, em certas ocasiões, falar de pé e de cabeça descoberta. Um deputado não se pode demitir sem o consentimento da Câmara. Uma vez eleito, tem de ficar no seu posto até à dissolução do Parlamento, a não ser que seja afastado pela morte, por uma falência, pela loucura, por um voto da Câmara ou pela aceitação de um cargo honorífico ou remunerado da Coroa. Esta

última condição é o estratagemma empregado quando um deputado, obrigado a retirar-se por razão de peso, solicita e obtém a função puramente nominal de intendente dos Chiltern Hundreds, um domínio real no Buckinghamshire, ou dos castelos da Tesouraria.

## Armadilhas

Nunca acabaríamos de citar as armadilhas dos Comuns. Assinalaremos ainda um costume de que se falou bastante nestes últimos tempos e do qual Churchill tirou partido para obter um debate sobre a defesa, em sessão secreta. Se um deputado diz: «Vejo ali uma pessoa estranha», o «speaker» é obrigado a mandar sair todas as pessoas estranhas, quer dizer, todas as pessoas que não são membros da Câmara dos Comuns, e então a discussão desenrola-se em segredo. O costume mais engraçado é provavelmente o que marca o fim de cada sessão. Depois do encerramento da reunião ter sido pronunciado e do «speaker» se ter levantado, os meirinhos e os policiaes gritam em altos berros pelos corredores: «Who goes home?» (Quem vai para casa?). Londres nem sempre foi uma cidade muito segura de noite e acontecia tantas vezes aos deputados serem atacados por malandrins ao saírem de Westminster que acabaram por andar em grupos acompanhados de guardas capazes de os defender. As coisas mudaram, mas o grito ressoa todas as noites em Westminster.

(De «Journal de Genève»,  
Genebra)

# Em valencia as corridas de touros

QUEM conhece a cidade del Turia, à beira do Mediterrâneo, e alguma vez assistiu às suas festas anuais de Julho, com todo o seu ar típico e as suas lindas mulheres ostentando trajo próprio da região; os seus repastos com a saborosa «paella» e as succulentas laranjas de pele fina; e, principalmente, as suas corridas de touros que chegaram a atingir uma dezena, em dias seguidos, certamente há-de ter ficado com a impressão de que tudo aquilo era muito original, e as corridas tinham ali decisiva importância.

As corridas de touros eram a base dos importantes festejos que atraíam milhares de aficionados, entre os quais alguns portugueses — pouquíssimos, aliás.

Pois, agora, tudo está modificado:

em Valência, na sua feira, já não se assiste a corridas de touros, mas uera e não es «Estrada» e uns tem no cartel deste ano: 1.ª novilhada, Aparicio, «Litri» e Dámaso Gomez, (com reses de Manuel Gonzalez); 2.ª, Aparicio, «Litri», e Felix Guillen (Samuel Flores); 3.ª, Honorubia, Aparicio e «Litri» (Atamasio Fernandez); 4.ª, Chaves Flores, Aparicio, «Litri» (Colealeda); 5.ª, Aparicio, «Litri» e Henrique Vera, (Garro e Diaz Guerra); e 6.ª, Aparicio e «Litri» (Carlos Nuñez).

Caso estranho, na verdade, o desta organização promovida pela empresa valenciana, que desprezou os matadores de touros, com prejuizo da tradição, o que levou os «diestros» de alternativa a reunirem-se em Madrid, sem, no entanto, nada conseguirem.



# GUILHERMINA SUGGIA

**C**OM a morte da violoncelista Guilhermina Suggia desaparece da música portuguesa a sua figura mais eminente do nosso tempo e uma das personalidades mais notáveis da arte portuguesa de sempre.

Pode dizer-se que, entre nós, Viana da Mota e Guilhermina Suggia eram as duas grandes elevações na planície de valores equivalentes que constituem o património musical da Nação, relativamente a intérpretes da suprema arte.

Compositores da craveira daqueles dois solistas nunca possuímos. De figuras dominantes na medida em que o foram Viana da Mota e Guilhermina Suggia, só poderemos fazer referências, com justeza e uma noção conveniente das proporções, focando os nomes de Artur Napoleão, no piano, e Luísa Todt, no bel-canto.

Entre artistas portugueses de talento cuja existência se conhece, mas vivem no anonimato por vários motivos, não se vislumbra em toda a modesta história da música portuguesa, — exceptuando os casos, já antigos, de Artur Napoleão e Luísa Todt — qualquer exemplo que sirva a comparações equilibradas.

São muito respeitáveis os nomes de David de Sousa, na «directão de orquestra» e que, na «composição», apesar de suas grandes possibilidades, não deixou obra; Her-

nani Torres, como pedagogo que ministrou no Conservatório de Leipzig e dirigiu o do Porto a que, sob seu mandato artístico, o autor destas linhas teve a honra de pertencer; Liba Fragoso, a quem a morte prematura não permitiu uma realização como criador, uma identificação definitiva de seu estro, em que muitas esperanças foram postas.

Alguns mais poderíamos citar.

Todavia, pouquíssimos esses valores que puderam realizar-se e foram aproveitados; pouquíssimos os artistas notáveis que fazem a nossa história musical.

Depois daquelas duas grandes figuras do passado, apenas se salientam os nomes de Viana da Mota e Guilhermina Suggia.

Artur Napoleão, muito jovem ainda, conquistou as plateias de todo o mundo culto do seu tempo e às suas geniais faculdades de intérprete do piano o próprio Franz Liszt rendeu homenagem. Luísa Todt, depois duma carreira fulgurante, que levou o nome de Portugal aos mais notáveis centros musicais, chegou a ser considerada a maior cantora do seu tempo.

A morte de Guilhermina Suggia, «um» dos maiores e «a maior» violoncelista de todos os tempos, constitui perda irreparável para a cultura portuguesa.

Muito nova ainda, Guilhermina Suggia, depois dos primeiros estudos que seu pai lhe ministrou e

de logo aos sete anos de idade ter mostrado, num primeiro concerto, a sua natural predisposição para a música, fez sua educação definitiva sob a orientação do grande pedagogo Julius Klengel, em Leipzig.

Aos 16 anos, obteve um extraordinário êxito nos concertos da célebre «Gewandhaus», tocando para o público mais exigente — como as plateias alemãs desse tempo — sob a direcção de um dos maiores maestros que até hoje existiram — Artur Nikisch.

Desde essa oportunidade de consagração do seu enorme talento, a grande concertista portuguesa foi ovacionada nos principais centros musicais do Mundo, adquirindo um prestígio de que só raros artistas têm usufruído.

Ao lado de Pablo Casals e Piatigorsky, Guilhermina Suggia representava um expoente supremo da técnica e expressão violoncelísticas, sendo inultrapassáveis e absolutamente geniais algumas de suas interpretações, como o concerto de Dvorak e o concerto em lá menor de Saint-Saëns.

A morte desta artista eminente é perda nacional sem reparação e, na história da nossa cultura, Guilhermina Suggia ficará como pilar dos mais raros, mais notáveis, mais significativos, pela projecção universal que conseguiu impor.

MARQUES RIBEIRO

DE A SEU FILHO UM LINDO BRINDE



Uma «Flobert», ou arma de pressão de ar

O MAIOR SORTIDO DE ARTIGOS PRÓPRIOS  
PARA RAPAZES A PEÇOS ECONÓMICOS

Bolas, raquetes, patins, luvas de box, pistolas, revólveres,  
arcos e flechas, etc.

**A. M. SILVA**

RUA DA BETESGA, 67 — LISBOA

Telefones PBX 3 1313/14

ARMAS — MUNIÇÕES — PESCA — DESPORTOS

## O HOMEM QUE PROCURAVA UMA MULHER

(Continuado da pág. 4)

Saiu sem mais palavra. Pelo caminho ia pensando: «Devia ter-lhe perguntado o nome... E se cas com ela, estou certo de que descobrirá qualquer coisa de bom para o meu filho...»

Ao voltar, encontrou o rapaz a aplinar tristemente um pedaço de madeira.

O pai bateu-lhe no ombro:

— Não te preocupes rapaz... Falei com a senhora... Falei a preceito...

Foram ambos sentar-se.

— Aquela garota, realmente, não te convinha. Nem era bonita... A cara afilada...

— Mas é que eu sentia-me tranquilo com ela, murmurou o rapaz. Quase nem sentia o meu pequeno complexo...

— Bom... isso agora não tem importância.

Jando olhou tristemente para o pai.

— Agora, tenho pena, disse ele. Não é bom estar só, papá. Tu mesmo o disseste...

— Ah! sim, disse, exclamou o pai. Mas não ficarás sózinho. Vais ter uma madrastra... Uma bela mulher, com relações... Alegre, gentil, servicial — e que não tem quadris de libélula, meu rapaz...

(De «Le Rouge et le Noir»,  
— Paris)





*O pó de arroz 1950*  
*dará nova sedução*  
*ao seu rosto!*

Tão leve, tão fino, tão natural... que as imperfeições da sua pele ficarão sendo um segredo só se!

